Política e sociedade nos jornais do Amazonas (1908-1924): uma questão a pesquisar

ORANGE MATOS FEITOSA*

Desde a pesquisa da nossa dissertação de mestrado, Sob o Império da Nova Lei: o amanhecer da República no Amazonas (1892-1893), defendida na Universidade de São Paulo em 2000, vimos refletindo e pesquisando sobre conflitos políticos e contradições sociais ocorridos no Amazonas, nos anos de 1910 a 1924. Consultando jornais amazonenses, do século passado, constatamos o registro quase diário dos embates políticos, muitas vezes armados, e de ocorrências denotativas de problemas sociais na capital, contradizendo a imagem bastante propalada de Manaus como uma cidade despida de conflitos, no âmbito político e social. Pesquisando sobre esses acontecimentos, revestidos de tantos significados, surpreendeu-nos a escassez de informações, tanto nos documentos de cunho oficial (relatórios de secretários e mensagens de governadores) como na historiografia; as raríssimas menções encontradas, apenas reforçavam a convicção de que o esquecimento e o silêncio obliteraram esses embates.

Examinando a bibliografia recente[1] encontra-se uma referência ao bombardeio de Manaus em 1910[2] e um estudo específico sobre o movimento tenentista em 1924[3]. Entretanto estes textos pouco facilitaram a construção de uma compreensão analítica do período de 1910 a 1924, objeto de nossa pesquisa, pois não se preocuparam com a

• Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo sob a orientação da Professora Doutora Maria de Lourdes Mônaco Janotti. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

[1] COSTA, Francisca Deusa Sena da. **Quando viver ameaça a ordem urbana:** trabalhadores urbanos em Manaus (1890-1915). 1997. DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto:** Manaus 1890-1920.1999. JÚNIOR, Paulo Marreiro dos Santos. **Vivência popular, exclusão e conflito social em Manaus 1906**-1917. 2004. PINHEIRO, Mª Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros:** trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). 1999. _____. **Folhas do norte:** letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). 2001. PINHEIRO, Mª L. U & PINHEIRO, Luiz B.S. P. (org.) **Imprensa operária no Amazonas**. 2004, em relação a este último trabalho os dois historiadores apresentam a reedição de cinco jornais operários: Gutenberg (1891-1892), Operário (1892), Confederação do trabalho (1909), A Lucta Social (1914) e O Construtor Civil (1920). Salientamos que são fragmentos de exemplares, mas comportam o valor de fonte de pesquisa para os historiadores locais.

[2] Ver LOUREIRO, Antonio José. **Síntese da História do Amazonas**. Manaus: Imprensa oficial, 1978.

[3] SANTOS, Eloína Monteiro. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. Manaus: Ed. Valer, 2001.

historicidade da época, oferecendo versões apresentadas como verdade dos fatos. Contudo, esse não é o caso dos jornais consultados, porque por mais partidários e comprometidos que fossem com os poderes vigentes, traziam editoriais, artigos, notas e sessões, apontando os tumultos políticos e distúrbios sociais, que contradizem a imagem da cidade pacata e tranqüila presente na historiografia tradicional. As fontes jornalísticas nos conduzem para outras reflexões ou até a refutação das interpretações já esboçadas, encaminhando-nos para além dos relatos pontuais de acordos e conflitos armados, políticas públicas e distúrbios sociais. Assim possibilitaram estudar as diversas instâncias do poder e nos conduziram a abordagem mais abrangente das relações sociais.

O motivo dessa escolha está fundamentado em alguns pontos: a necessidade de se conhecer melhor o quadro político e social do início da República; a brevidade com que a historiografia[4], tratou os conflitos e confrontos políticos entre civis e militares da polícia e do Exército, iniciados com instalação do sistema republicano e demais conflitos ocorridos em 1910, 1913, 1915, 1917, 1919-20 e 1924. Convém notar que os estudos sobre a chamada República Velha se ativeram principalmente às questões entre trabalhadores e patrões e a economia do látex, não se preocupando com outros aspectos da dinâmica social. Por último, baseamo-nos no fato de não haver estudos sobre o tema proposto, apesar das fontes documentais jornalísticas serem ricas em informações sobre tensões políticas e problemas econômicos e sociais.

Nossa proposta de trabalho se estabelece na dimensão da história política que segundo Réne Rémond não está isolada das outras dimensões do conhecimento, apesar de ter vivido algum tempo afastada dos meios acadêmicos, porque para historiadores era escrita para servir às elites. Apontavam como seus principais defeitos; a linearidade da narrativa factualista, a superficialidade da análise e a perspectiva, "psicologizante, idealista" (RÉMOND, 2003:18). Não conseguia adentrar na realidade.

[4]Ver BRAGA, Genesino. **Fastígio e sensibilidade do Amazonas**. 1983._____. **Chão e Graça de Manaus**. 3ªed. Manaus, 1995. BITTENCOURT, Agnello. **Corografia do Estado do Amazonas**. 1985._____. **Eduardo Gonçalves Ribeiro e o 1º Centenário de seu nascimento**. 1962._____. **Fundação de Manaus:** perídromos e seqüências. 1999. CORRÊA, Luiz de Miranda. **O nascimento de uma cidade** (Manaus, 1890 a 1900). 1966. LOUREIRO, Antônio José Souto. **Síntese da História do Amazonas**. 1978. _____. **A Grande crise (1908-1916)**. 1984._____. **Tempos de esperança (1917-1945)**. 1994. MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Negritude & Modernidade** – a trajetória de Eduardo Gonçalves Ribeiro. 1990.

Entretanto, o "advento da democracia política e social, o impulso do movimento operário, a difusão do socialismo dirigiam o olhar para as massas" (RÉMOND, 2003: 19), fazendo emergir os "deserdados" que a história política tradicional congelou no esquecimento. Rémond salienta que K. Marx e S. Freud também contribuíram para o desprestígio da história política, o primeiro centralizando a luta de classes como força motriz da história[5] e o segundo acentuou a função do inconsciente e responsabilizou a libido e as pulsões sexuais pelas ações dos indivíduos. Ambos furtaram ao ato político, o papel de protagonista.

Porém, as duas guerras e suas conseqüências reclamavam mais que os dados econômicos poderiam dar como explicação para "pressão" das "relações internacionais na vida interna dos Estados" (RÉMOND, 2003:23). Daí a política assumir um papel relevante nas ações das sociedades, passando, política e economia a andar de mãos dadas para compreensão do presente.

O retorno da narrativa dos eventos políticos no âmbito da observação histórica tem a ver tanto com as transformações sofridas pela história política como pela interferência do historiador na esfera do político. As situações de crise que geraram insatisfação na população que, por sua vez, passou a responsabilizar os poderes públicos por suas desgraças e a exigir providências em relação a: produção, "construção de moradias, a assistência social, a saúde pública, a difusão da cultura" (RÉMOND, 2003:24), *c*onduziu cada um desses setores aos "domínios da história política" (ibidem). Nessa altura, Não havia mais como escamoteá-la. Não há margens para história política, pois, a mesma dava mostras que além de está inserida na realidade, passava a geri-la. Para Rémond, as associações, organizações, sindicatos e até as igrejas não mais poderiam ignorá-la. Porque esta história política também não é mais a mesma. Inseriu novos objetos, entrou em "contato com outras ciências sociais" (Idem, 29) se conectou com outras disciplinas,

[5] Para Marieta de Moraes Ferreira. **A nova "Velha História": o retorno da História política**. In Estudos Históricos. 1992/10. pp. 265-271. Esta crítica de Rémond à Karl Marx tem a ver com a difusão da doutrina marxista na França a partir dos anos sessenta do séc. XX, devido "a formulação de inúmeras críticas ao papel do Estado" considerado como dependente da classe dominante e o político determinado pelas circunstâncias econômicas se imobilizava.

> *O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social. As pesquisas sobre o abstencionismo, os estudos sobre a sociabilidade, os trabalhos sobre a socialização, as investigações sobre o fato associativo, as observações sobre as correspondências entre prática religiosa e comportamento eleitoral contribuem para ressaltar tanto a variedade quanto a força das interações e interferências entre todos esses fenômenos sociais. Se o político deve explicar-se antes de tudo pelo político, há também no político mais que o político. Em conseqüência, a história política não poderia se fechar sobre si mesma, nem se comprazer na contemplação exclusiva de seu objeto próprio*[6].

Pensamos como Tânia de Luca quando assinala que os jornais também foram desvalorizados pelos historiadores, por seu caráter fragmentário, manipulador, disperso e subjetivista, além de ser elaborado a partir de interesses partidários, sendo assim uma fonte que distorcia as imagens da realidade. Porém, como ocorreu com a história política, a renovação na prática historiográfica, a busca por novos temas, novos objetos e novos problemas, alterou a "própria concepção de documento e sua crítica" (LUCA, 2005:113). E a partir dos anos setenta do sec. XX o jornal passou a objeto de "pesquisa histórica" (LUCA, 2005: 118).

Ao buscarmos demonstrar as formas que os jornais no Amazonas noticiavam o funcionamento da cidade de Manaus e externavam os problemas políticos, econômicos e sociais, nos anos de 1910 a 1924. Deparamos-nos com questões das formas como essas notícias chegavam até a população. Para Maurice Mouillaud (MOUILLAUD, 2002: 29) as notícias não estão desconectadas do tempo e do espaço, assim como o conteúdo não está separado da forma. O discurso no jornal está "envolvido" pelo "dispositivo" que é uma matriz que gerencia os textos sua duração e extensão, mas não sua atuação. Porque texto e "dispositivo" tecem uma relação dinâmica.

O jornal não deve ser avaliado apenas por seus números, edições, títulos, formato dentre outros elementos, mas por suas informações Mouillaud salienta que a "informação é o que é possível e o que é legítimo mostrar, mas também o que devemos saber" (MOUILLAUD, 2002: 38) e tem ação imperativa. A informação impõe seus limites ao leitor o que deve ou não saber ou ver, toda informação tem seu avesso mesmo quando está diante dos olhos do leitor e carrega consigo o não visto que poderá ser

[6] Idem, p. 36.

visto, mas que suscitará outro não visto infinitamente. Toda informação "apaga atrás de si seu próprio rastro" (idem, 41).

O jornal se propõe levar à população a notícia como ocorreu então é preciso selecionar e ligar os dados, tessitura e texto formam uma narrativa onde outros textos permanecerão invisíveis. Mouillaud apresenta o conceito de enquadramento para "descrever o processo de visibillidade"

> *a) delimitando um campo e um fora de quadro; o quadro determina o que deve ser visto [...]*
> b) *focalizando a visão no interior de seus limites, ele unifica em uma cena; os dados isolados pelo quadro tendem à solidarização entre eles*[7].

Por conta do enquadramento da informação, ou melhor, dizendo da notícia para melhor exibi-las cria-se uma tensão entre a informação e o enquadramento que ora se unem e ora se afastam. As informações inseridas no corpo do texto são enterradas mesmo ao serem exibidas. Para Mouillaud é esta forma de noticiar que dá sentido ao noticiário. É o enquadramento que seleciona, afasta do contexto, conserva e transporta a informação mantendo "sua identidade ao longo de seus deslocamentos" (MOUILLAUD, 2002:61). Essa é uma característica do enquadramento que busca apreender um acontecimento e para isso exige que ele esteja fragmentado e somente assim passível de leitura. *O* "acontecimento é duplamente fragmentado. Em sua origem é extraído de uma experiência que permanece fora do texto; em sua chegada, aparece como uma informação entre outras" (idem, 69).

Conforme o exposto observamos que o jornal é uma fonte que transmite seu noticiário após todo um processo de enquadramento, pretende moldar uma imagem da sociedade. Os jornais estão permeados por visões sociais firmadas no interior dos grupos oligárquicos, porém, seria um equívoco, retirar desses jornais as tensões sociais ou "agrupá-los em categorias como 'liberais ou 'conservadores', posto que elimine as sutilezas e nuances dos discursos, propostas e grupos a que estão ligados" (HÖRNER, 2006: 111). Além disso, estes jornais mesmo comprometidos com os poderes dominantes eram "espaços de luta política" (*ibidem)* e social.

[7] Idem, p. 43

O jornal enquanto fonte documental constrói um recorte sobre o real e o social, sobre atitudes do cotidiano, relações sociais de poder, reivindicações e/ou acontecimentos, sobrecarregando de sentidos o noticiário e sustentando o invisível.

A leitura dos jornais, ancorada nos conceitos e concepções mencionados acima, tem se revelado um grande desafio. Como compreendê-los nos múltiplos significados que podem assumir sem torná-los meras ilustrações de um período histórico? Ou mesmo, como compreendê-los sem elaborar somente fragmentos da complexa rede social deixando à margem o exame da ação política que nos propomos? A leitura fragmentada de jornais conduz a idéia de que as contradições políticas estão ausentes dos demais setores da sociedade e ignora que, quando focalizamos o não visto de imediato, o que parecia isolado se solidariza.

A partir das matérias publicadas podemos considerar os conceitos de enunciado/enunciação e representações partilhadas pelos interlocutores, proposto por François Flahault citado por Braga (BRAGA, 2002: 329),

> *Como o discurso jornalístico é público é dirigido a uma pluralidade de leitores - e de leituras. Esta pluralidade pode ser considerada pelo menos como uma dupla recepção: pelo leitor cúmplice e pelos adversários [...] Podemos considerar as oposições e as identificações que o discurso propõe como um campo estratégico formado pelas representações que o jornal se dá de si mesmo, de seus aliados e de seus adversários.*

Baseamo-nos em tais recursos de análise para pensar as questões de alcance social e político em franco diálogo com os acontecimentos e o contexto histórico no qual as matérias, os artigos, os editoriais, as imagens e a própria diagramação estão inseridos no formato do jornal como assinala (BRAGA, 2002: 330)

> *a) Os textos, os desenhos, as fotos do jornal;*
> *b)a estrutura dos tipos de artigos etc., que 'conformam' as matérias (textos, fotos, desenhos); ou dito e outro modo, as estruturas produzidas pela realização destas matérias;*
> *c)as estruturas de integração entre estes diversos tipos de matérias, que as organizam (ou seja, estruturas que são produzidas por sua integração e que dão forma ao jornal.*
> *d)Os acontecimentos que, na empresa ou na sociedade, servem de referência ao jornal para criação de suas representações do contexto;*

Além disso, o conteúdo no caso particular dos jornais importa tanto quanto a forma, ou as formas como são expressos os acontecimentos diários, selecionados e transportados até o leitor para induzi-lo a conhecer e acreditar, naquilo que foi formatado para este fim.

As diversas formas de ação/representação das notícias cotidianas e suas relações com os leitores dia após dia constroem o fato de acordo com o proposto pelo noticiário ou não, e estão intrinsecamente articulados e podem ser comparadas por analogia, não somente entre jornais diferentes, mas dentro do mesmo jornal, buscando de um artigo ao outro, de um editorial ao outro, de uma notícia a outra a análise das unidades redacionais que isoladas pouco se mostram, pois o texto de um jornal *é* "possível estudar o lugar relativo e o peso diferencial de um artigo a outro. O que significa que cada unidade redacional não vale só por ela mesma – e que uma parte do sentido decorre de sua participação em um conjunto" (BRAGA, 2002:330). Dizendo de outro modo, essas partes se encaixam em um todo: os acontecimentos sociais e políticos são a base para o noticiário de um jornal construir suas representações do contexto; a imprensa local e nacional; e, o contexto social onde se inserem forças do poder político, econômico e as relações de "(dominação e trabalho)" (Idem, 330).

Os jornais consultados destacam as traições políticas, as fraudes eleitorais, a corrupção administrativa, a crise econômica e financeira, greves e demissões operárias, novos hábitos, reorganização do espaço público, demandas sociais, doenças dentre outros indicativos da sociedade local. E abrem espaço para que estas sejam analisadas em seus aspectos mais concretos como assinala Tânia Regina de Luca "as motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. [...] os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam [...]" (LUCA, 2005: 140). Essas novas maneiras de conceber os jornais chamam a atenção para elementos que até então tinham permanecido à margem da análise histórica e que se mostram fundamentais para compreensão do funcionamento das engrenagens do poder.

Nosso objetivo neste trabalho é mostrar algumas possibilidades analíticas do processo político-social do Amazonas, priorizando alguns exemplos da imprensa no período de 1908 a 1920. Nessas fontes pode-se compreender a atuação e intervenção

dos jornais na prática político-partidária amazonense, apreendendo as especificidades da dinâmica social com especial interesse nas reivindicações populares. É possível cotejar também as posturas jornalísticas com demais fontes de caráter oficial com a intenção de avaliar o alcance das políticas públicas direcionadas para cidade de Manaus e captar os hábitos de sociabilidade das camadas urbanas.

Manaus no início do século XX por ser entreposto do comércio do látex fervilhava com trabalhadores em busca de uma ocupação de guarda-livros, administradores, caixeiros e outras nas firmas exportadoras.

Em 1908 o jornal Tribuna do Caixeiro[8] publicou uma nota sobre a situação da rede elétrica pública, que interferia no serviço dos bondes, apresentando a disputa entre duas empresas "Lavandeyra" e "Hebblethwait" pela concessão do serviço, sugeria o que seria melhor para população. Vale lembrar que, grande parte dos serviços públicos no Amazonas era de propriedade européia ou norte-americana porque os serviços locais sofriam de escassez de mão-de-obra técnica

> *Haverá em Manáos quem não saiba da divergencia que existe entre as propostas da Lavandeyra e Hebblethwait sobre o arrendamento dos Serviços Electricos do Estado? Pois bem, há dias, em uma roda de personagens de elevado conceito no nosso meio social, ouvimos dizer que esse mal poderá ser remediado desde que um dos proponentes se comprometta a mandar construir uma linha dupla que parta da Praça Tamandaré, em frente ao TICO-TICO, subindo a avenida 13 de Maio ate o reservatorio das aguas e vice-versa. Será isso verdade? É de prever que sim, pois sendo a Praça Tamandaré uma das mais centraes e concorridas pelo publico, era digna desse melhoramento importante,[...].*

O mesmo jornal publicará entre os dias 24/05/1908 a 06/12/1908 uma série de artigos, notas e editoriais, intitulados: "Descanço Dominical ou Fechamento das portas as 6 horas da tarde", reivindicando aos patrões que os caixeiros não trabalhassem aos domingos e feriados. No dia 31/08/1908 a situação parece crítica

> *Temos uma lei municipal em vigor a que exige o fechamento das portas dos estabelecimentos aos domingos e feriados do Estado e da União e nem sempre é respeitada esta lei por quem devia com todo o respeito acatar as leis do município [...]. Há patrões que habituados a ligar pouca importância a lei não trepidam em fazer os seus empregados trabalharem nos dias acima citados entre quatro paredes com as portas hermeticamente fechadas não entrando nem*

[8] **Tribuna do Caixeiro**. Manaus, 21 de abril de 1908. Anno I, n. 1.

> *um raio de luz tornando-se prejudicial a saúde aonde muitas vezes dá resultado a tuberculose [...]*[9].

A insistência do jornal na defesa da categoria contribuiu para criação da Lei n° 529 de 2 de Dezembro de 1908 que "manda fechar às seis horas da tarde os estabelecimentos de commercio a retalho".

Observamos que os jornais voltados para categorias específicas como este não eram comuns na cidade de Manaus. Décio Saes analisando a formação da 'classe média' e seu posicionamento político, referiu-se aos trabalhadores produtivos que lidam direto com a produção de mercadorias e os 'improdutivos', aqueles que "não participam diretamente do processo capitalista de produção da mais-valia", (SAES, 1984: 8-9)

> *Este corte analítico, empreendido ao nível das relações sociais de produção, entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo, reagrupa, portanto, num grande conjunto os trabalhadores assalariados dos serviços urbanos (bancos, comércio, propaganda, transporte, comunicações) e da administração das empresas industriais, os funcionários do Estado, civis e militares, e os profissionais liberais.*

Apesar de Saes, formular uma divisão entre trabalhadores 'improdutivos' que não estão em "oposição direta aos proprietários do capital" como a classe operária e os 'produtivos' freqüentemente vivendo sob duras condições de vida e trabalho. Assinalamos, que as classes médias urbanas reuniam diversos grupos sociais não homogêneos do ponto de vista econômico, social e político e que, os trabalhadores em geral estavam associados ao sistema "capitalista de produção da mais-valia", mesmo que alguns grupos não se considerassem como parte do proletariado. É nesta categoria que classificamos os caixeiros em Manaus, que por trabalharem no comércio pouco se articulavam e necessitavam de intermediação no "plano político e ideológico" (SAES, 1984: 9). Talvez por isso, o jornal enfatizava a importância da organização desses trabalhadores para o sucesso das reivindicações, mesmo em tempo de crise econômica e conseqüente redução na oferta de trabalho. Em dezembro comemoraram

[9] **Tribuna do Caixeiro,** Manáos 31 de maio de 1908. Anno I. n. 7

> *Podemos finalmente entoar hymnos de Victoria e atroar os ares com clamores sinceros de expansão de nossa alegria. É uma realidade o fechamento de portas ás 6 horas e o caixeiro já pode num brado unisono de reconhecimento, elevar o seu espirito para as glorias do amanhã, quando elle instruido e forte, [...], se apresentar cônscio das responsabilidades que lhe vão caber, preparando o sereno para receber a árdua missão de intelligente auxiliar, no desempenho do seu papel, ser o prestimoso subalterno e o maior amigo de seu patrão.*
> *Foi no 1º. do mez, que o Conselho Municipal, numa votação unanime veio dar a nossa classe esse padrão refulgente de liberdade, esse como código humano e justo; [...]*[10].

O Tribuna do Caixeiro se empenhou apoiada pela Associação dos Empregados no Commercio na busca de diminuição da carga horária trabalhada pelos caixeiros, tentando não se indispor com os *patrões*, mas questionaram o posicionamento daqueles patrões indiferentes as suas reivindicações. O periódico diplomaticamente, parabenizou o Intendente Municipal de Manáos e os proprietários de farmácias que decidiram pelo fechamento das portas aos domingos, salientando o empenho da Associação

> *Os fructos da nobilitante crusada em que a Associação se empenhou conseguindo o fechamento do commercio a retalho ás 6 horas da tarde, veio lançar no nosso meio social a seiva fecunda do reconhecimento dos direitos há tanto tempo menosprezados, e assim é que acaba de ultimar-se entre os proprietários das pharmacias d'esta capital um accordo para encerrarem os seus estabelecimentos ao meio dia de todos os domingos, dando assim aos seus empregados nove horas de folga durante todas as semanas, que são como ninguém ignora de um trabalho saturado e de responsabilidade. [...]*[11]

Observa-se que os jornais operários não fizeram parte da grande imprensa, porque amiúde lhes faltava recursos financeiros, mas apesar de serem Folhas de um dia na maioria das vezes, com uma produção descontínua *e* dispersa[12], foram fundamentais

[10] Idem, Manáos 06 de dezembro de 1908.

[11] **Tribuna do Caixeiro**, Manáos, 1 de janeiro de 1909 – anno I – n . 36.

[12] PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001. p. 131.Tese de doutoramento. Pinheiro elenca a produção dos jornais operários em Manaus: **Tribuna do Caixeiro (1908); Confederação do Trabalho (1909); O Marítimo (1911); Recordação- Sociedade Protetora das artes Gráficas (1911); A Lucta Social (1914); Folha Marítima (1916); O Constructor Civil (1920); O Extremo Norte (1920); Vida Operária (1920) e O Primeiro de Maio (1928).**

para o conhecimento da labuta dos operários: anseios, reivindicações, denúncias, movimentos e vitórias.

Na década de 20 o Vida Operária surge e diz a que veio

> *Rasgando o véo do indifferentismo absoluto que envolve em suas dobras infinitas o maior facto da civilisação e do progresso – O OPERARIADO, apparece, hoje a Vida Operaria, sacudida pela violência do nosso sacrifício, trilhando a senda da justiça e do direito, fundida no cadinho da honra e da moral. Há muito se tornava necessário no seio da classe laboriosa, a existência de um órgão exclusivista no seu gênero, e que fosse o producto másculo, o esforço gigantesco de alguns que, escalando as barreiras do impossivel, veem cooperar da vida jornalística, com o fim único de arrancal-o do grão Maximo da desconsideração, [...]*
>
> *Assim sendo, a Vida Operaria, lança-se hoje a luz, como defeza exclusiva do operariado desta terra maravilhosa, prompta para deffender, dentro dos limites da ordem, o interessse de uma classe esquecida e vilipendiada pelos que nada produzem, a não ser a brutalidade espantosa de augmentar o capital*[13].

Em seu noticiário destaca algumas notas e artigos sobre as demissões de funcionários Manáos Tramways[14]

> *O gerente ou cousa que o valha, senhor de baraço e cutello da "Manáos Tramways", (por infelicidade nossa), num acesso de propotencia (sic) inqualificável, despediu segunda-feira ultima 9 do corrente o foguista Flaviano Borges de Lima, horando chefe de família, que vinha prestando os seus serviços profissionaes áquella companhia, ha cerca de 6 mezes, sem a menor nota desabonadora. E sabem os leitores, qual o motivo desse acto?*
> *Nós o dizemos. Este, foi para collocar um tal Perminio Rodrigues, chegado a pouco da Europa.*[15].

E na mesma página

> *Sabemos que no dia 11 do corrente foi inopinadamente despedido do cargo de chaufier (sic) do automóvel de transportes "Manáos Engenering" o companheiro Menezes, sem dar para isso motivo algum.*
> *[...]*
> *O Amazonas será alguma porventura alguma posseçao Ingleza?!*
> *Voltaremos.*

[13] Segundo PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Op. cit. pp.168-169 Elesbão do Nascimento Luz o diretor do Vida Operária era professor e o poeta Hemetério Cabrinha e Paulino Carvalho delegado fiscal eram seus redatores; O gerente Anacleto Reis era um dos líderes dos estivadores de Manaus.

[14] **Vida Operária.** Manáos 15 de fevereiro de 1920. Anno I. n. 2

[15] **Vida operária,** Manáos 15 de fevereiro de 1920. Anno I, n. 2

Após a Primeira Guerra, o mundo entrou em crise econômica e, o Amazonas encravado na Selva Amazônica, não fugiu à regra. Na segunda década do século XX, a queda vertiginosa dos preços da goma elástica no mercado internacional com a perda da exclusividade na exportação mundial desse produto, trouxe consigo o desemprego e a fome para a capital da borracha que, até aquele momento procurou sobreviver, apesar dos atropelos. O comércio em Manaus quase fechou as portas, sendo seguido pelo mercado imobiliário que desfalecia com debandada dos grandes investidores vendendo seus imóveis a qualquer preço.

Segundo Antônio Loureiro, "1921 caracterizou-se pela grande pressão internacional sôbre os preços da goma elástica, ante uma superprodução descontrolada. A borracha amazonense foi cotada a apenas 1$800, por quilo, o mais baixo valor até então alcançado." (LOUREIRO, 1994: 19). Ressalta-se que no período de expansão econômica, o kilo da borracha alcançou o valor de 9.950 contos de réis[16]. A partir daí a situação econômica, política e social do Amazonas agudizou-se e o Estado mergulhou em dívidas externas e internas, com os cofres vazios deixou de pagar os funcionários públicos, o comércio em grande parte fechou as portas, o desemprego crescia e os preços dos gêneros alimentícios era desolador.

A Vida Operária continua suas denúncias em relação aos abusos de poder dos patrões

> *São demasiadamente conhecidos do povo desta terra infeliz, e muito especialmente do seu operariado os constantes abusos dessa companhia, que, para vergonha nossa, vive acobertada no manto protector de certos indivíduos brazileiros que affrontando-se, se arrogam a importantes; mas, que, no seu âmago, não passam de verdadeiros sabujos nacionaes. Infelismente o Amazonas abarrota desses elementos.*
>
> *[...]*
>
> *No dia 10 de Janeiro utimo o conductor chapa 13, Luiz Ventura da Silva, na occasião em que procedia a cobrança, perdendo o equilíbrio, foi cuspido violentamente ao chão, recebendo forte pancada e diversas escuriaçoes, prostrando-o sem falla durante todo o dia. Pois bem. O director da Companhia ou quem quer que fosse, mandou recolher o chapa 13 a Beneficente Portugueza, arbitrando-lhe o salario de 5 horas de trabalho durante o tempo que estivesse em tratamento. Ora, sabem qual foi o resultado dessa amabilidade da Tramways? La vae.*

[16] **O Rio Negro**. Manáos 2 de agosto de 1897. Anno I. n. 7

> *Logo que o nosso companheiro Luiz Ventura voltou ao trabalho o gerente mandou que lhe fosse descontada mensalmente uma certa importância até final amortisação das despezas feitas na Beneficente.*
>
> *Agora perguntamos:*
>
> *Onde esta a lei que regula o accidente de trabalho? Que nos respondam os nossos homens de responsabilidade, os homens que só enxergam o operariado nas proximidades das eleições.*[17]

Em 1909 o Confederação do Trabalho em seu primeiro número reclamava a atenção do "eleitorado", "povo e todas as classes laboriosas do Estado do Amazonas" para as eleições que ocorreriam nos 15 de Novembro para deputados estaduais e alerta os leitores para sua responsabilidade

> *Dos tremendos desmandos que temos soffrido, a datar de 15 de Novembro de 1889, somos nós os únicos responsáveis, pelo abandono criminoso em que deixamos as urnas que assim ficam á mercê dos falsificadores, aos quaes entregamos voluntariamente a posse de todos os nossos direitos, [...]*
>
> *O **bico de pena** tem sido a arma poderosa que deixamos nas mãos da mediocridade audaciosa que com Ella consegue elevar-se a todos os postos e culminar no poder, para de lá esmagar friamente tudo quanto temos de mais caro e mais sagrado – a nossa liberdade e a nossa própria honra.*
>
> *É nas urnas, concidadãos, que devemos affirmar, em lucta franca e leal, honesta e digna, as nossas convicções e a nossa vontade; é nas urnas que devemos testificar que somos um povo do qual ainda não desappareceram a dignidade e o brio [...]*[18]

O jornal de publicação mensal convoca à população, em especial, as classes laboriosas e lista o nome de quatorze candidatos que compõem uma chapa para Representação política do Estado, que segundo os editores faziam parte das diferentes "facções políticas" e da sociedade local: "artistas, commerciantes scientificos e industriaes", ao contrário dos Superintendentes Municipais e estaduais que lançaram nomes oriundos do Partido Republicano Federal, como os únicos possíveis e prováveis para aquele pleito.

Estes jornais voltados para as classes trabalhadoras em Manaus influenciaram as ações políticas dos distintos grupos de trabalhadores que por mais desarticulados que

[17] **Vida Operária**. Manáos, 21 de março de 1920. Anno I, n. 7

[18] **Confederação do Trabalho**. Orgam das Classes Laboriosas. Manáos, 14 de novembro de 1909. Anno I, n. I.

fossem, identificavam-se e vinculavam-se as propostas desses noticiários. Edgard Carone em estudo sobre o Movimento operário brasileiro demonstrou que as manifestações mais intensas do operariado se deram nos estados do Sudeste e Sul, onde se encontrava a maioria do proletariado, nos demais estados, apesar do "ritmo e a ação" (CARONE, 1979:6) menos acelerados, não foram insignificantes. Acrescentamos que o Amazonas não sofreu um processo de Industrialização como o de São Paulo, porém, foi detectado "implantes industriais em todas as regiões do país, normalmente voltadas para o próprio mercado regional, quer de forma de atividades complementares à atividade predominante [...] instrumentos metálicos simples para extração da borracha [...]" (CANO, 1977: 199). Dizendo de outro modo, em Manaus surgiram pequenas indústrias para atender ao mercado interno, originando um grupo de operários locais.

Concluindo, os jornais citados tem sido úteis para uma melhor percepção da crise econômica e dos problemas sociais e políticos que rodavam Manaus. O Tribuna do Caixeiro, com caráter apaziguador, buscava defender os interesses dos caixeiros cumpridores de seus deveres, mas desrespeitados em seus direitos, trabalhando nos domingos e feriados. Daí o jornal estimular a categoria para lutar em favor de seus direitos. As reivindicações surtiram efeito quando da criação da Lei municipal de n. 529 de 2 de dezembro de 1909, seguida de sua execução e o descanso dominical tornava-se realidade. Em 1920, Manaus ainda estava mergulhada na crise econômica que interferia nos serviços públicos, que no final da contas eram controlados pelos empresários ingleses que após firmarem seus contratos, atuavam de forma arbitrária em relação à população, poderes públicos e trabalhadores. O ativista, Vida Operária surgirá neste contexto e publicará várias críticas as companhias inglesas e suas práticas autoritárias como a Manáos Tramways (concessionária do serviço de bondes) que, demitia os funcionários locais dando preferência ao trabalhador estrangeiro. Interessante notar, a força desses noticiários, por exemplo, a Confederação do Trabalho folha com características conciliadoras, voltada para as classes trabalhadoras, iniciou sua publicação com apresentação de candidatos para eleição, salientando a fraude eleitoral e reclamando abertura no processo eleitoral; e, dos dez candidatos lançados somente um não foi eleito. Porém, na Confederação do Trabalho não se percebe um efetivo interesse pelas lutas operárias, já que o proletariado deve "reivindicar os seus direitos por meios intelligentes e pacíficos".

Referências Bibliográficas:

BRAGA, José Luiz. **Questões metodológicas na leitura de um jornal**. In MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio Dayrell (org.) **O Jornal**: da forma ao sentido. 2ª ed. Brasília: EDUNB, 2002.

CANO, Wilson. **Raízes da Concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: DIFEL, 1977.

CARONE, Edgard. **Movimento Operário no Brasil (1887-1944)**. São Paulo: DIFEL, 1979.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A Nova Velha História**: o retorno da história política. In Estudos Históricos. Rio de Janeiro. 1992/10. pp. 265-271.
HÖRNER, Erik. **A tribuna em praça pública***:* o debate político na imprensa periódica paulistana (1838-1842). In: A História na política, a política na história. OLIVEIRA, Cecília, PRADO, Maria Lígia, JANOTTI, Maria de Lourdes M. (orgs). São Paulo: Alameda, 2006.

LOUREIRO, Antônio José Souto. **A Grande Crise (1908-1916)**. Manaus: T. Loureiro & Cia., 1985

_____. **Tempos de Esperança (1917-1945)**. Manaus: Ed. Sérgio Cardoso, 1994.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In Fontes históricas. PINSKY, Carla Bassanezi (org). São Paulo: Contexto, 2005.

MOUILLAUD, Maurice, PORTO, Sérgio Dayrell. **O jornal:** da forma ao sentido. (orgs.) Brasília: Editora da universidade de Brasília, 2002.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte** – Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920). 2001. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **O Proletariado Industrial na Primeira República.** In: O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Sérgio Buarque de Holanda (org.). 3ª edição. São Paulo: DIFEL,1985. T. III. V. 2.

RÉMOND, René. (org.) **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. Tradução de Malu Gitahy. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.